

A RETOMADA DO CARNAVAL DE RUA EM MONTES CLAROS/MG¹

Maria Isabella Sousa Silveira²

RESUMO

O ensaio apresenta uma reflexão sobre o carnaval de rua em Montes Claros/MG como expressão de cultura popular e prática concreta do direito à cidade, trazendo uma linha do tempo sobre a retomada dos eventos carnavalescos na cidade. A introdução contextualiza o carnaval como manifestação historicamente ligada à ocupação livre dos espaços urbanos, mas que, ao longo do tempo, foi substituído em favor de eventos privados, como o Carnamontes. O primeiro capítulo analisa essa transição, evidenciando a substituição de festas populares por iniciativas empresariais que excluem a participação popular e enfraquecem as expressões culturais locais, enquanto o segundo capítulo discute a importância do carnaval como bem coletivo. A partir disso, destaca-se o surgimento do Bloco Raparigas do Bonfim como símbolo de resistência cultural e ressignificação da festa, marcando a retomada da rua como espaço de celebração. O terceiro capítulo explora a relação entre território, pertencimento e carnaval, mostrando como os próprios foliões constroem sentidos para a cidade, transformando o carnaval em ato político e reapropriação simbólica do espaço urbano. Nas considerações finais, reforça-se que o carnaval de rua, mesmo diante de obstáculos, resiste por meio da força coletiva e da vontade de reinventar a cidade como lugar de encontro. A experiência de Montes Claros revela a potência do carnaval como ferramenta de cidadania cultural e reinvenção urbana.

¹Esta produção integra o projeto de pesquisa apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Mestranda em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), onde atua como bolsista CAPES. Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário FIPMoc (UNIFIPMoc). Produtora cultural e pesquisadora do Núcleo Cidadino (Unimontes). E-mail: misabellasilveira@gmail.com.



Palavras-chave: carnaval; festa de rua; direito à cidade; blocos de carnaval; cultura popular

THE RETURN OF CARNIVAL IN MONTES CLAROS, BRAZIL

ABSTRACT

This essay presents a reflection on the street carnival in Montes Claros/MG as an expression of popular culture and a concrete practice of the right to the city, offering a timeline of the revival of carnival events in the city. The introduction frames carnival as a manifestation historically tied to the free occupation of urban spaces, which over time was replaced by private events, such as Carnamontes. The first chapter analyzes this transition, highlighting how popular festivals were replaced by corporate initiatives that exclude popular participation and weaken local cultural expressions, while the second chapter discusses the importance of carnival as a collective good. From there, the emergence of the Bloco Raparigas do Bonfim is emphasized as a symbol of cultural resistance and redefinition of the festivity, marking the return of the street as a place of celebration. The third chapter explores the relationship between territory, belonging, and carnival, showing how revelers themselves create meaning for the city, transforming carnival into a political act and symbolic reappropriation of urban space. The final considerations reinforce that street carnival, even in the face of obstacles, endures through collective strength and the desire to reinvent the city as a place of gathering. The experience in Montes Claros reveals the potential of carnival as a tool for cultural citizenship and urban reinvention.

Keywords: carnival; street party; right to the city; carnival blocks; popular culture

EL REGRESO DEL CARNAVAL EN MONTES CLAROS, BRASIL

RESUMEN

El ensayo presenta una reflexión sobre el carnaval callejero en Montes Claros/MG como una expresión de la cultura popular y una práctica concreta del derecho a la ciudad, trayendo una línea del tiempo sobre el resurgimiento de los eventos carnalescos en la ciudad. La introducción contextualiza el carnaval como una manifestación históricamente ligada a la ocupación libre de los espacios urbanos, pero que con el tiempo fue sustituida por eventos privados, como el Carnamontes. El primer capítulo analiza esta transición, destacando la sustitución de las fiestas populares por iniciativas empresariales que excluyen la participación popular y debilitan las expresiones culturales locales, mientras que el segundo capítulo discute la importancia del carnaval como bien colectivo. A partir de ello, se destaca el surgimiento del Bloco Raparigas do Bonfim como símbolo de resistencia cultural y resignificación de la fiesta, marcando el regreso de la calle como espacio de celebración. El tercer capítulo explora la relación entre territorio, pertenencia y



carnaval, mostrando cómo los propios juguistas construyen sentidos para la ciudad, transformando el carnaval en un acto político y en una reapropiación simbólica del espacio urbano. En las consideraciones finales, se refuerza que el carnaval callejero, incluso ante obstáculos, resiste mediante la fuerza colectiva y el deseo de reinventar la ciudad como lugar de encuentro. La experiencia de Montes Claros revela el potencial del carnaval como herramienta de ciudadanía cultural y reinención urbana.

Palabras clave: carnaval; fiesta callejera; derecho a la ciudad; bloques de carnaval; cultura popular

INTRODUÇÃO

Não é possível falar sobre carnaval, em sua infinita rede de possibilidades, sem falar também sobre ocupação de espaços públicos e direito à cidade, uma vez que o carnaval é, em essência e historicamente, uma festa de rua construída de maneira popular, perpassando por gerações. Da Matta (1997, p. 30), conceitua o carnaval como “um momento em que se pode totalizar todo um conjunto de gestos, atitudes, e relações que são vividas e percebidas como instituindo e constituindo o nosso próprio coração”.

Durante o carnaval, a linha que define a moralidade fica mais fina, o caos ordenado invade as cidades e milhões de pessoas vão às ruas para celebrar, de maneira lúdica, o que é da carne: o prazer, a festa, o gozo, a alegria e, também, a liberdade em todas as suas esferas. Para Cruz, neste movimento,

“A cidade vive uma outra ordem; a cidadania é experimentada de forma diferente, autônoma e desordenada; o caos fica eminente, ao mesmo tempo que o caráter festivo, lúdico, desordenado e até promíscuo toma conta da moral estabelecida no espaço público [...] O carnaval é um ritual onde coexistem múltiplas territorialidades. Serve-nos como uma grande zona autônoma de caráter temporário.”
(CRUZ, 2017, p. 10)

Ao mesmo passo que, mesmo sendo uma festa de caráter popular, construída pelo povo, o carnaval tornou-se também uma mercadoria aos olhos do sistema capitalista, uma vez que a festa movimenta milhões de reais todos os anos.

O período, que possui o espaço público como protagonista, pode ser considerado uma “galinha dos ovos de ouro” para o poder público e as grandes empresas.

Desse modo, em algumas cidades - como em Montes Claros/MG, o carnaval de rua passou a ser substituído aos poucos por festas de carnaval privadas - uma mercadoria que, apesar de tentar se apropriar de todos os seus símbolos, não possui o mesmo apelo popular, restando, aos foliões, a saudade que resulta em uma demanda reprimida que faz com que seus moradores se desloquem para outras cidades no feriado, na busca por participar da festa popular.

Afinal, para Da Matta (1997), o local do carnaval de rua é a região central da cidade, as ruas, as praças e as avenidas que, durante aquele período de tempo, tornar-se ponto de encontro para a população. Lefebvre (2008, p.65) afirma que a cidade é “um objeto espacial que ocupa uma cidade e uma situação”, enquanto que a participação popular e a apropriação do espaço público podem ser considerados uma manifestação do direito à liberdade, componentes indissociáveis do próprio direito à cidade.

Apesar do Art. 215 da Constituição Federal de 1998 estipular que “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.”, não é assim que acontece na prática em Montes Claros/MG, mesmo tendo em vista o carnaval ser a maior festa popular do país, com potencial para estimular o turismo e trazer empregos direta e indiretamente a milhares de pessoas durante o período.

A história das manifestações carnavalescas na cidade fala muito sobre resistência e luta, em meio a diversas tensões, onde as pessoas - entre produtores e responsáveis pelos blocos carnavalescos, que se dispõem a retomar e fazer o carnaval da cidade, não dispõem de apoio e incentivo dos órgãos públicos para que a festa aconteça, mesmo o acesso à cultura sendo um direito constitucional.

Para Lefebvre (1991), a festa é o principal uso da cidade, em suas ruas, praças, edifícios e monumentos. O autor defende que a celebração do prazer, do existir improdutivamente e do ocupar os espaços é o que torna a cidade viva. E, de



fato, durante o carnaval, a cidade fica mais viva - a alegria, o gozo e a vontade de estar nas ruas preenche os corações dos cidadãos, que passam a ser foliões.

Mesmo com a substituição das festas de rua por festas privadas durante o Carnaval, sempre existiram em Montes Claros, os produtores do carnaval: pessoas que resistem e tentam fazer a retomada da festa pública na cidade, em um entendimento que o direito ao fazer-carnaval também uma extensão do direito à cidade - manifestado como uma forma de exercer o direito à liberdade, à individualização na socialização, à moradia e à ocupação, pois participar e se apropriar dos espaços públicos são componentes do direito à cidade, como afirma Lefebvre (2008).

1. CARNAVAL EM MONTES CLAROS

Em matéria publicada pelo jornal O Norte¹, em 2008, é possível conhecer mais a fundo um pouco da história do carnaval de Montes Claros - que ao longo dos anos, passou por altos e baixos. Segundo a matéria, o ano de 1988 foi o último ano em que aconteceu o carnaval na cidade, com desfiles de escolas de samba na Avenida Coronel Prates e o surgimento de blocos de carnaval como o Cara de Pau, Destack e o Bloco do Saci:

“Famílias inteiras participavam dos blocos, o Automóvel Clube com as bandas, tocando as marchinhas e todo mundo, de criança a idosos, podiam participar da folia, pois se gastava pouco dinheiro e haviam muita alegria e respeito; e lógico, não existia essa violência, porém hoje, diversos fatores colaboram para que muita coisa seja diferente de anos atrás, como a violência e o custo alto pela diversão, isso se tratando de micaretas. Nos últimos vinte anos, simplesmente não existe o que fazer durante o feriado de carnaval. Esperamos que a próxima administração pense não só em carnaval de rua, mas em promover eventos culturais nesta época do ano – ressalta a Jornalista.”



Figura 1 - Foto de um dos desfiles da escola de samba Vanguarda Imperial, em 1988, do acervo pessoal de Geraldino Coelho³



Fonte:

<https://onorte.net/montesclaros/valdeli-coelho-relembra-os-desfiles-da-escola-de-samba-que-marcou-a-historia-de-montes-claros-1.886811>

2. CARNAMONTES: A CIDADE PASSOU A TER UM CARNAVAL TEMPORÃO

Alguns anos depois, surgiu a Carnamontes, micareta que levava em torno de 15 mil pessoas para as ruas de Montes Claros, tendo acontecido entre 1997 e 2010, na Avenida José Correia Machado e no Parque de Exposições João Alencar Athayde. O evento contava com trio elétrico e com a apresentação de grandes nomes do axé nacional, como Ivete Sangalo, Tomate e Cláudia Leitte - entretanto, era produzido por empresários e realizado fora de época, ora no mês de maio, ora no mês de setembro, dentre outros. O evento possuía dois setores: a pipoca, que era gratuita e os camarotes, que eram pagos.

Figura 2. Foto de jovens durante o Carnamontes, em 2010

³ Carnaval de Moc marcou época, disponível em <https://onorte.net/cultura/carnaval-de-moc-marcou-epoca-1.515855>



Fonte: <https://acompanheujsmoc.blogspot.com/2010/09/ujs-marca-presenca-o-carnamontes.html>

O criador do evento, Humberto Coelho Souto, retrata em depoimento ao site CarnAxé⁴ como teve a ideia para a realização do evento:

“É 1997, cidade parada, esvaziada em fevereiro. Jovens viajando para Porto Seguro, Salvador buscando agitos de Carnaval. Ruas silenciosas, sem os blocos e Escolas de Samba que animavam carnavais passados. Cidade sem tradição carnavalesca, apesar dos esforços de “Nice David, Geraldino Coelho e outros” que viviam em busca de apoio e patrocínio para “não deixar o samba morrer”. Uma idéia e sento-me em frente ao computador para transformá-la em projeto: Carnamontes! Um carnaval diferente para o povo, com trio elétrico, banda de axé baiano, carro-bar, bloco com “mortalha”, lugar para quem gostasse só de assistir. Um carnaval para todos!”

É sabido, entretanto, que haviam várias disputas em torno da produção do evento - que trocou a administração ao longo dos anos; tanto com a Prefeitura, quanto com demais figuras que tentavam trazer de volta à cidade a programação carnavalesca, como relatado em entrevista ao Jornal O Norte por Josecé Alves

⁴ Primeira edição do Carnamontes, micareta de Montes Claros disponível em <https://www.carnaxe.com.br/micare/micaretas/carnamontes/1997.htm>

Santos, então presidente da Associação dos Grupos Carnavalescos de Montes Claros, no ano de 2008⁵:

“Depois do Carnamontes, nossos artistas ficaram de fora da festa. Também o investimento feito durante o carnaval temporão é usufruído por artistas e barraqueiros de outras cidades. Além disso, o carnamontes é uma festa excludente, onde a participação não é igual para todos. O carnaval de rua é diferente. Nossa meta não é promover uma festa para multidão, mas reunir toda a família em um espaço onde a riqueza cultural da cidade salta aos olhos. Não esperamos que as pessoas assistam à festa, mas sejam parte dela, produzindo suas fantasias e participando dos blocos. É uma festa de integração – argumenta.”

Após a sua última edição, a 14^a, em 2010, o Carnamontes deixou de ser produzido, não sendo encontrados registros que discorrem sobre os motivos pelos quais o evento deixou de existir. O evento aconteceu na Praça dos Jatobás, na Avenida José Correia Machado, até a sua 10^a edição, em 2007. Depois deste ano, passou a acontecer no Parque de Exposições João Alencar Athayde, conhecido por ser um local onde acontecem as maiores festas privadas da cidade.

3. EM 2015 SURGE O BLOCO RAPARIGAS DO BONFIM

Em 2015, um grupo de jovens músicos se reuniu para mais um ensaio, próximo à época do carnaval e, ao se darem conta de que todos ficariam em Montes Claros durante o período, tiveram a ideia de criar o Bloco Raparigas do Bonfim, como relatado em entrevista ao blog literário de Pedro J. Bondaczuk⁶, em 2017:

“A ideia surgiu num ensaio de músicos, em que um deles perguntou sobre onde cada um passaria o carnaval e, como todos ficariam em Montes Claros, resolveram fundar um bloco para resgatar o carnaval

⁵ Montes Claros se prepara para reviver o carnaval de rua, disponível em <https://www.google.com/url?q=https://onorte.net/cultura/montes-claros-se-prepara-para-reviver-o-carnaval-de-rua-1.515890&sa=D&source=docs&ust=1707851616768413&usg=AOvVaw1aV1WUSkQkgE5DkyN7EQWm>

⁶ O disparate das Raparigas do Bonfim, disponível em <https://pbondaczuk.blogspot.com/2017/02/odisparate-das-raparigas-do-bonfim.html>



de rua. O nome chocante foi perfeito para os ideais do grupo, que queria dar leveza e alegria para a palavra 'rapariga' e 'ocupar os lugares públicos de maneira leve e divertida', 'o bloco não tem dono, nem pai, é nosso, é de Montes Claros. Quem sugeriu o nome estava no grupo, na casa de Alexandre Zuba. No momento tocava um blues', relembra Clara Marcelle, uma das fundadoras do Bloco e criadora de uma página para ele no Facebook.”

Clara Marcelle conta ainda na mesma entrevista que o bloco, em seu primeiro desfile, teve a presença de 5 pessoas na diretoria. Segundo a fundadora, o bloco possuía mil reais e a programação de sair com 300 pessoas, porém saíram com mais de mil pessoas, com a concentração que começou no Bairro Todos os Santos e foi até a Praça da Matriz.

Figura 3 - Ensaio do Bloco Raparigas do Bonfim, em 2017



Fonte: https://www.instagram.com/p/Bc2kvooFjNa/?img_index=1

A partir do ano de seu nascimento, o Bloco Raparigas do Bonfim passou então a promover diversos eventos gratuitos e em espaços públicos, com seus

ensaios, que inicialmente carregavam centenas de pessoas para as ruas, concentrados em bairros como Planalto e na região central da cidade.

O ápice que marcou o retorno da programação carnavalesca oficial da cidade foi o Praia das Raparigas, evento produzido em fevereiro de 2017, inspirado no evento Praia da Estação, que acontece em Belo Horizonte/MG. O evento, que começou sendo divulgado no Facebook - contando com 5 mil confirmados, teve superlotação e a presença de 15 mil pessoas na Praça dos Jatobás.

Figura 4 - Foto do evento Praia das Raparigas, em 2017



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bj77jhGBj45/>

O Praia das Raparigas foi considerado um fenômeno e fez com que, nos próximos anos, o poder público montesclarenses voltasse sua atenção para a retomada da programação oficial de carnaval na cidade. Então, a partir de 2018, o carnaval voltou a acontecer em Montes Claros, de maneira articulada e organizada - o que não significa disposição de verba para seu acontecimento.

A retomada do Carnaval fez com que ocorresse o surgimento de novos blocos de carnaval, que multiplicaram-se e começaram a se organizar, como o Bloco PóPô Dendê Nu Trem, o Bloco do Calango Baila, o Bloco Capa Preta, dentre

vários outros. Entretanto, mesmo com a alta demanda popular, os blocos não recebem incentivos financeiros por parte da Prefeitura e devem arcar com a sua operacionalização, bem como com o acontecimento dos seus eventos carnavalescos de rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Ferreira (2005, p.323), o carnaval acontece “por meio de uma incessante disputa pelo espaço/poder marcados pelo lugar. Desse modo, assim como a festa se caracteriza na luta pela posse simbólica do lugar festivo, o carnaval se define como a luta pela posse simbólica do lugar carnavalesco”. A falta de apoio financeiro do poder público para que as festas de rua aconteçam, que contribui apenas com a distribuição do mínimo - como grades e banheiros químicos, torna o acontecimento do carnaval ao longo dos anos permeado por tensões.

Porém, ano a ano, a persistência dos blocos - que são os verdadeiros “fazedores de carnaval” da cidade, faz com que, a pequenos passos, os incentivos e adesão pública aumentem, o que garante a sobrevivência da festa na cidade, que voltou a acontecer mesmo após a pausa que houve durante a pandemia do Covid-19, nos anos de 2020 a 2022.

Agier (2015) considera que o fazer-cidade é um processo que não tem fim, contínuo e sem finalidade. Ou seja, considerando que fazer-carnaval é, também fazer-cidade, este é do mesmo modo um processo, ou luta, que nunca se acaba, recomeçando a cada ano, em busca da democratização do acesso ao lazer, entretenimento, alegria e diversão gratuitas que o carnaval proporciona, dando o sentido da festa aos espaços públicos neste período de tempo; onde milhares de pessoas encontram-se nas ruas em busca da não-produtividade, como afirma Souza (2010).

Pode-se dizer que os blocos de carnaval atuam de maneira parecida aos coletivos culturais, onde grupos de pessoas buscam fomentar atividades culturais,



tendo a rua como lócus de reivindicação como espaço para ocupação cultural, dentro de uma pluralidade de estilos, gostos e ofertas ao público.

Em 2024, a programação de carnaval da cidade foi extensa, com o cadastro de 25 eventos de carnaval, com seus blocos, durante os dias 9 a 13 de fevereiro e a expectativa da presença de 90 mil foliões pelas ruas. O cenário de pouco apoio e incentivo vem aos poucos mudando, como pode-se observar na entrevista ao Portal G1 de Junia Rebello Veloso, Secretária Municipal de Cultura⁷:

“Nós, da Prefeitura de Montes Claros, recebemos com entusiasmo o crescimento do movimento em torno dos blocos na cidade. A alegria do Carnaval contagia, e é uma manifestação espontânea, que acontece de maneira descentralizada, quando a população se identifica com os grupos, fazendo crescer os eventos. Por isso, a reunião com os blocos, a interação com as forças de segurança e a organização da própria cidade para estes dias é vital. Tão importante quanto assistir aos blocos, é atender ao cidadão durante os dias de Carnaval”

O carnaval em Montes Claros vem acontecendo todos os anos - com exceção da pausa devido à pandemia, de 2017 a 2024, com sua extensa e democrática programação, que vai desde a blocos de diferentes estilos musicais, como Rock n Roll, a blocos infantis que são distribuídos por vários bairros da cidade, embora a grande maioria dos blocos ainda sejam realizados na região central, em uma programação que não tem a pretensão de acabar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

⁷ Veja programação do carnaval em Montes Claros, disponível em <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2024/02/06/veja-programacao-do-carnaval-em-montes-claros.ghtml>



CRUZ, R. C., **Territorialidade autônoma, utopia e geografia decolocial para o direito à cidade: um ensaio sobre o carnaval de rua no Rio de Janeiro**. 2017, disponível em

https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ-1_4b14e023e23b091f7a19a38de1a0cc73, acesso em 01/02/2024.

DA MATTA, R.. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro** – 6 ed. Rio de Janeiro ; Rocco, 1997.

LEFEBVRE, H. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

FERREIRA, F. **Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

